JESUÍTAS BRASIL

V Colóquio Latino-Americano de Biopolítica
III Colóquio Internacional de Biopolítica e Educação
XVII Simpósio Internacional IHU

SABERES E PRÁTICAS NA CONSTITUIÇÃO DOS SUJEITOS NA CONTEMPORANEIDADE

21 a 24 de Setembro de 2015
Unisinos - São Leopoldo | RS

Apoio:

CNPq
Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico

Promoção:

PPGEDU UFRGS FACED

INSTITUTO HUMANITAS UNISINOS

UNISINOS
Somos infinitas possibilidades

UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS UNISINOS

Reitor
Prof. Dr. Pe. Marcelo Fernandes de Aquino, S. J.

Vice-reitor
Prof. Dr. Pe. José Ivo Follmann, S. J.

Pró-reitor Acadêmico
Prof. Dr. Pe. Pedro Gilberto Gomes, S. J.

Pró-reitor de Administração
Prof. Dr. João Zani



CASA LEIRIA
E-mail: casaleiria@casaleiria.com.br
Telefone: (51) 3589-5151
Rua do Parque, 470
CEP 93020-270 - São Leopoldo - RS - Brasil

V Colóquio Latino-Americano de Biopolítica
III Colóquio Internacional de Biopolítica e Educação
XVII Simpósio Internacional IHU

SABERES E PRÁTICAS NA CONSTITUIÇÃO DOS SUJEITOS NA CONTEMPORANEIDADE

Inácio Neutzling
Maura Corcini Lopes
Alfredo José da Veiga-Neto
(Organizadores)

Casa Leiria
São Leopoldo – RS
2016

V COLÓQUIO LATINO-AMERICANO DE BIOPOLÍTICA
III COLÓQUIO INTERNACIONAL DE BIOPOLÍTICA E EDUCAÇÃO
XVII SIMPÓSIO INTERNACIONAL IHU

SABERES E PRÁTICAS NA CONSTITUIÇÃO DOS SUJEITOS NA CONTEMPORANEIDADE

Diagramação: Casa Leiria.

Os textos e ilustrações são de responsabilidade de seus autores.

Qualquer parte desta publicação pode ser reproduzida, desde que citada a fonte.

Colóquio Latino-Americano de Biopolítica (5.: 2015: São Leopoldo, RS); Colóquio Internacional de Biopolítica e Educação (3.: 2015: São Leopoldo, RS); Simpósio Internacional IHU (17.: 2015: São Leopoldo, RS)

Anais [recurso eletrônico] do 5º Colóquio Latino-Americano de Biopolítica, 3º Colóquio Internacional de Biopolítica e Educação e 17º Simpósio Internacional IHU / Organização de Inácio Neutzling, Maura Corcini Lopes, Alfredo José da Veiga-Neto; Instituto Humanitas Unisinos, Programa de Pós-Graduação em Educação Unisinos, Programa de Pós-Graduação em Filosofia Unisinos, Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva Unisinos; Programa de Pós-Graduação em Educação UFRGS – São Leopoldo: Casa Leiria, 2016.

ISBN 978-85-61598-93-8

Evento realizado na UNISINOS, em São Leopoldo/RS, de 21 a 23 de setembro de 2015.
Tema: Saberes e práticas na constituição dos sujeitos na contemporaneidade.

1. Biopolítica – América Latina. 2. Educação – Biopolítica – Contemporaneidade. 3. Biopolítica – Vida humana. 4. Educação – Práticas pedagógicas contemporâneas. I. Neutzling, Inácio (Org.). II. Lopes, Maura Corcini (Org.). III. Veiga-Neto, Alfredo José da (Org.). IV. Universidade do Vale do Rio dos Sinos. V. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. VI. Título.

CDU 371.13

Catalogação na publicação
Bibliotecária: Carla Inês Costa dos Santos – CRB: 10/973

V Colóquio Latino-Americano de Biopolítica
III Colóquio Internacional de Biopolítica e Educação
XVII Simpósio Internacional IHU

SABERES E PRÁTICAS NA CONSTITUIÇÃO DOS SUJEITOS NA CONTEMPORANEIDADE

EDUCAÇÃO INFANTIL EM UM CURRÍCULO DA NORMALIZAÇÃO

Francine Nara de Freitas[1]
Angélica Vier Munhoz[2]

RESUMO: O presente texto constitui um fragmento da dissertação de Mestrado em Ensino da Univates e tem por objetivo pensar o currículo em três escolas municipais de Educação Infantil de Lajeado/RS. Como abordagem teórica, busca aproximações com a Filosofia da Diferença, a partir de autores como Gilles Deleuze, Michel Foucault e seus comentadores. O currículo, nesta investigação, é pensado como multiplicidade, podendo capturar e ser capturado pelos diferentes acontecimentos do cotidiano escolar. A pesquisa encontra-se na fase de produção e análise do material empírico, de forma que ainda não é possível apurar os dados do estudo.
PALAVRAS-CHAVE: Currículo, Educação Infantil, Filosofia da Diferença.

ABSTRACT: This paper is part of a dissertation for a teaching master's course of Univates. It aims at thinking about the curriculum of three public nursery schools in Lajeado/RS. Its theoretical approach is centered on the Philosophy of Difference, considering authors such as Gilles Deleuze, Michel Foucault and their commentators. In this investigation, the curriculum has been regarded as a multiplicity and can both capture and be captured by different events in the school routine. The research is at the stage of production and analysis of the empirical material; hence, data are not available for presentation yet.
KEYWORDS: Curriculum, Children Education, Philosophy of Difference.

Ao pensar o currículo escolar da Educação Infantil, me permito, assim como em outras maneiras de viver, experimentar trilhar diversos percursos em um mesmo espaço. Conduzir e ser conduzida por pensamentos que me guiam ao mesmo tempo em que me fazem desconhecer o caminho a seguir.

Neste caminhar, podemos encontrar diferentes aproximações com teorias que foram e estão sendo inventadas para pensar e produzir a educação brasileira. Cada uma delas caracteriza o objeto currículo e nos faz pensar sobre como as instituições escolares ou não escolares estão sendo atravessadas por ele. Por vezes, andam por aí, voando em balões proibidos, em pipas coloridas, em aviões a jatos, em mísseis, ou girando em um cata-vento no jardim, nos documentos, nas crenças, nas indagações, nas propostas pedagógicas... Currículos da representação, da identidade, do gênero, da etnia, do compromisso/descompromisso com a profissão professor.

Alguns destes são currículos produzidos em certezas que nem sempre podem ter suas intenções asseguradas: todos os alunos aprendem os mesmos conteúdos selecionados; o professor tem o dever de ensinar; os alunos estão ali porque desejam, e não porque são obrigados por uma lei[3]; os funcionários trabalham com dedicação porque têm o dom para aquilo que escolheram como profissão.

Efeitos de um currículo que produziu e produz verdades. Em meio a tudo isso, podem surgir os entremeios que passam a existir no contexto escolar ao percorrerem a avaliação, a rotina, as grades curriculares, os professores, as crianças... Entremeios que escaparam de um planejamento supostamente perfeito e de uma execução indescritível.

[1] Mestranda em Ensino; Centro Universitário UNIVATES; bolsista FAPERGS
[2] Professora nos cursos de Pedagogia e Psicologia; Doutora em Educação; Centro Universitário UNIVATES;
[3] A Emenda 59 da Constituição Federal, aprovada em 2009, em seu artigo 208, torna obrigatória e gratuita a Educação Básica para pessoas de 4 a 17 anos de idade. Há também menção a essa obrigatoriedade no Movimento Todos pela Educação, em sua Meta nº 1.

Deleuze e Parnet (1998, p. 52) dizem que "os estrangulamentos estão sempre no meio. Está-se no meio de uma linha, e é a situação mais desconfortável. Recomeça-se pelo meio".

O meio de um planejamento, o meio de uma criança, o meio de uma aprendizagem. O meio que se estrangulou ou foi estrangulado e não é mais o mesmo. O meio que não se tornou um modelo. Um meio que não é melhor, nem pior. Apenas algo fora das extremidades. O meio de um currículo.

Corazza (2004) concebe o currículo como linguagem, pois pode produzir e ser produzido por significados, imagens, saberes, representações, sons, conceitos, invenções, entre outros, e tornar-se, assim, um dispositivo de saber-poder em suas expressões de verdade. Nesse sentido, é considerado como discursivo, pois sempre diz alguma coisa das/nas instituições escolares. A autora diz ainda que: "Um currículo é o que dizemos e fazemos... com ele, por ele, nele. É nosso passado que veio, o presente que é nosso problema e limite, e o futuro que queremos mudado. É a compreensão de nossa temporalidade e espaço" (idem, p. 14).

O que cada escola tem dito e feito de seus currículos? Quem tem o poder de discursar sobre eles? Todos? Por vezes, o professor recém-chegado a escola é impedido de aproximar-se da instituição pelo olhar da criança, pois há outros sujeitos que se apoderam dessa linguagem e a utilizam de maneira organizada e intencionada. Alguém que indica quais e como os espaços e tempos poderiam ser capturados pelos movimentos ocorridos na instituição. Currículo que produz vidas.

Um currículo com vida pode adoecer, tornar-se frágil e morrer ou simplesmente ter um mal súbito, sem que ao menos haja lágrimas que lamentem sua perda. Mesmo que seja enterrado no *Père Lachaise*[4], seu nome não estará no mapa que indica o local de seu repouso eterno. As pessoas passarão ao seu lado, mas talvez não o vejam. Não receberá flores, nem músicas em sua memória. Uma simples morte que potencializará alegria na invenção de outro currículo. Ou sob outra perspectiva, uma morte que não potencializa a alegria, mas sim desconfortos diante da invenção de um outro currículo; que necessita da cerimônia de sepultamento. Cenas de um velório, da despedida, da dor.

Mesmo esse outro currículo, inventado durante ou após a morte do anterior, será legitimado em suas normas, que poderão sofrer fissuras, ter seus saberes e conceitos desconstruídos. São inúmeros os discursos que por vezes se tornam legítimos no cotidiano escolar, tais como: na Educação Infantil, as crianças não aprendem a ler; pais só entram na sala em que o filho frequenta se convidados forem, caso contrário, aguardam na porta da sala até que a criança se dirija até eles – hábito de algumas escolas; quando o gestor chama o professor para uma conversa, significa que há algo desconfortável a ser ouvido, e não poderiam ser apenas elogios acerca do trabalho que tem realizado. Invenções discursivas que podem ser rachadas em suas verdades.

Discursos sobre vida, morte e saberes curriculares, ditos acerca da escola possibilitando que esta se mantenha viva. E nesta perspectiva, recorro a Foucault (2009), para uma maior compreensão da formação de um discurso:

> No caso em que se puder descrever, entre um certo número de enunciados, semelhante sistema de dispersão, e no caso que entre os objetos, os tipos de enunciação, os conceitos, as escolhas temáticas, se puder definir uma regularidade (uma ordem, correlações, posições e funcionamentos, transformações), diremos, por convenção, que se trata de uma *formação discursiva*. (FOUCAULT, 2009, p. 43)

Dessa maneira, o discurso ultrapassa os limites de apenas pronunciar palavras, pois sua regularidade, ao tornar-se uma maneira de expressão de desejos e lutas na produção de verdades; opera com a noção do que é normal e anormal, ou seja, coloca em alguma forma o sujeito ou objeto inventado por ele (discurso). Foucault (2012, p. 41) diz que "todo sistema

[4] Cemitério em Paris onde estão enterradas grandes celebridades da música e literatura, entre outras.

de educação é uma maneira política de manter ou de modificar a apropriação dos discursos, com os saberes e os poderes que eles trazem consigo". Sem distinguir teoria e prática, posso pensar em manter e modificar o currículo em diferentes perspectivas educacionais, ao produzir discursos que dizem respeito ao "que" e ao "como" da escola moderna, que se repete, se reproduz e se efetua em tais práticas.

Decisões que se movimentam a todo instante e que se conectam umas com as outras ao defenderem este ou aquele discurso curricular. Pois nessa escola moderna, tudo precisa ter sentido e significado na aprendizagem. As escolhas precisam estar bem entendidas e documentadas por diferentes dispositivos de poder, como o registro da presença do professor pelo ponto digital, em que apenas ele pode posicionar seu polegar no local indicado; o planejamento de aula; o caderno de presença dos alunos, a avaliação, as leis e diretrizes.

E neste contexto de estar e fazer a escola, podemos encontrar indicativos que procuram a normatização e a normalização das ações, dos projetos, das circunstâncias, das pessoas, entre outros. Modelos que vão se tornando cada vez mais presentes no cotidiano escolar, pois indicam os caminhos a serem percorridos, a partir de padrões de idealizações que se estabelecem através das relações.

A idealização das ações e das circunstâncias que acontecem de modo inesperado. Aquilo que desviou ou foi desviado do controle rigoroso; que foi fissurado pela forte ventania que passou naquele local, tende a ser percebido como algo que necessita voltar ao seu curso e ser reconstituído. Uma rachadura que possivelmente não permanecerá ali, pois alguém ou algo, se encarregará de fechá-la, tornando seu movimento de deslocamento parte do processo previsto por alguma legislação ou vontade de normalização. Como um manual a ser perseguido, a escola tenta encaixar todos os desvios em seus devidos lugares.

Alguns projetos de trabalhos podem ser considerações imprescindíveis quando produzidos na ordem de um conjunto de clichês a ser desenvolvidos com as crianças da Educação Infantil, dentre eles estão os hábitos de higiene, as regras e combinados, a alimentação saudável, os jogos e as brincadeiras. Outros adquirem sua importância por não estarem vinculados a programas de conteúdos pré-estabelecidos como o estudo das cobras, dos foguetes, dos vermes e dos sorrisos.

Da idealização das pessoas, posso pensar nos corpos que transitam pela escola, como camelos que carregam seus fardos diariamente no intuito de conseguirem alcançar seus objetivos, bem como conservar a ordem e a disciplina do ambiente. "O que é pesado? Assim pergunta o espírito resistente, e se ajoelha, como um camelo, e quer ser bem carregado" (NIETZSCHE, 2011, p. 27).

Fardos de produção de si e do outro que na Educação Infantil passam pela rotina, que na maior parte das vezes é demarcada pelo tempo limitado da alimentação e pela privação de continuar dormindo quando o sono domina o corpo. "Pare de desenhar para se alimentar". "Pare de se alimentar para ir ao pátio". "Saia do pátio para arrumar a cama". E o desenho? "Guarde-o para outro dia" – dia esquecido que passará a existir novamente quando outro desenho será iniciado. Escolhas feitas a partir de um planejamento que precisa ser seguido. E a criança adapta-se à escola. Deixa na mochila colorida suas vontades, seu cansaço, sua tranquilidade em comer, seu prazer em desenhar só mais um pouquinho, e passa a viver uma vida na escola que escolariza - vida essa que demora a terminar.

Corpos de crianças conectados ao adulto professor, ao sistema, às normas, aos combinados. Pequenos movimentos que serão disciplinados a cada dia na escola. Sentar-se "direitinho" na roda de conversa, alinhar-se corretamente na fila, caminhar pelos corredores, comer tudo o que lhe foi servido, mesmo que não aprecie algum alimento. Desejos e súplicas de alguns professores, que encontram no controle e na vigilância meios de normalização dos infantes. E o corpo que ainda não consegue seguir com as decisões estabelecidas pela instituição, sofre com as punições.

Foucault (2013), fala sobre a privação em que o corpo pode ser submetido:

> Mas a relação castigo-corpo não é idêntica ao que ela era nos suplícios. O corpo se encontra aí em posição de instrumento ou de intermediário; qualquer intervenção sobre ele pelo enclausuramento, pelo trabalho obrigatório visa privar o indivíduo de sua liberdade, considerada ao mesmo tempo como um direito e como um bem. Segundo essa penalidade, o corpo é colocado num sistema de coação e privação, de obrigações e de interdições." (FOUCAULT 2013, p. 16).

Um currículo pode ser pensado para formar um sujeito para uma determinada sociedade. Nesse sentido, o disciplinamento dos corpos e dos saberes está constantemente em movimento, onde os alunos são aprisionados e embriagados por suas crenças para que sigam as instruções realizadas por quem os produz. Portanto, questiona-se: o que as pessoas se tornam a partir deste ou daquele currículo? Um currículo que produz subjetividades, pois, além de ser um conjunto de saberes, é também um conjunto de práticas imanentes na escola, atravessadas pelo poder. Em relação a isso, Corazza (2004) convida-nos a pensar:

> Pesquisar as forças subjetivadoras do currículo visa responder a seguinte questão: - Pelo funcionamento de um determinado currículo, como e por que "suas" subjetividades se constituíram de certo modo, através de um número determinado de práticas de si, que são jogos de verdade, práticas de poder, relações de saber? (CORAZZA, 2004, p. 64).

Poder posto em prática. Currículo como dispositivo de poder que produz a subjetividade, o sujeito. O sujeito que vai se constituindo desde sua primeira estada neste mundo, quando classificado em gênero, preferências, grau de inteligência, capacidade de relacionamento interpessoal, entre outros. Nasceu: é menino ou menina? Não come: cenoura. Só lê: revista em quadrinhos. Brinca: com crianças mais velhas. É muito: inteligente. Prefere: viajar sozinho. Imagens que discursam sobre nós e nos constituem como seres viventes a partir daquilo que cruza o nosso cotidiano. Efeitos e modos de ser professores. Causa e consequência histórica produzida em nós e por nós.

Assim como somos produzidos, no momento em que passamos a fazer parte do currículo escolar, mesmo que não queiramos, tornamo-nos produtores de outros sujeitos, pois a produção da subjetividade transpassa a vontade de querer ou desejar algo. Produzimos o outro a partir do encontro, portanto, qualquer lugar é propício a afecções tristes e alegres, mas, neste texto, a produção da subjetividade é pensada pelo que atravessa e é atravessado pelo currículo.

A diferença, a fissura, a resistência também podem desconstituir as camadas legitimadas das relações de poder e permitir que os entremeios aconteçam, sem que haja intenção do controle e da vigilância. Possibilidades que podem atravessar qualquer currículo e, assim, rachar verdades inventadas acerca do sujeito-professor/diretor e demais estruturas organizacionais em torno da escola.

Em maio de 1968, na França, houve momentos em que o sistema sofreu rupturas, e pelo meio surgiram as manifestações dos estudantes, que não revolucionaram o país, mas que, de certa forma, o tornaram diferente do que era. As pessoas deixaram de sujeitar-se ao que estava instituído e produziram seus discursos quando tudo parecia "bem", pessoas empregadas, economia sem crise... Cerca de dez mil estudantes protestaram. Em princípio, não queriam que os alojamentos masculinos que habitavam fossem separados dos alojamentos femininos, além de se colocarem contra a guerra no Vietnã. Posteriormente a esse pedido, outros desejos começaram a aglomerar-se em prol de muitas causas.

Os jornais locais registram e nomeiam tais fissuras como incidentes, panes, manifestações, greves... Rupturas que, mesmo classificadas como desordem ou revolução, reconstituem não apenas a maneira de fazer educação, mas também as relações de poder entre "povo" e governo, entre sistema e sujeitos.

Professores que fissuram o sistema quando em seus microprotestos deixam de agir como outrora. Em manifestações silenciosas ou com bandeiras em punho, fazem proliferar seus desejos e tremer as bases de algumas estruturas. Movimento que muitas vezes é ocupado por apenas um, pois não é só a multidão que racha, mas também a intensidade de ações que transpassam o sujeito. E pensando sob esta perspectiva, assim também o currículo pode sofrer fragmentações.

Tal currículo fragmentado se dissolve pela escola, permitindo que o poder esteja sempre presente. Pequenos pontos que se conectam e produzem sua soberania. Entranhados em cada minúsculo espaço, estão em constante movimentação. O poder é produzido e se faz presente, pois está na relação:

> Onipresença do poder: não porque tenha privilégio de agrupar tudo sob sua invencível unidade, mas porque se produz a cada instante, em todos os pontos, ou melhor, em toda relação entre um ponto e outro (FOUCAULT, 2011, p. 103).

Em todos os pontos do currículo, o poder circula, produzindo não apenas os sujeitos, mas também inúmeras verdades acerca da escola, famílias, sociedade, sistema educacional, entre outros. Jamais um poder é centralizado em um espaço único, mas multiplicado e conectado a todo tipo de relação existente, ou seja, em toda relação, há a expressividade de poder, de maneira a condicionar os sujeitos.

Produzir a avaliação de um aluno que não apresenta "evolução" em seu desenvolvimento motor pode ser considerado como um fracasso, repleto de hipóteses que irão justificá-lo. A avaliação na aprendizagem torna-se um dos elementos que compõem o dispositivo de poder currículo. Caso contrário, o aluno não necessitaria ser avaliado. Dispositivo de poder este utilizado por aqueles que se aproximam ou se inserem no ambiente escolar; efetiva-se num contexto múltiplo de relação com as pessoas. Quando estamos na escola, podemos, portanto, ser assujeitados ao currículo, fabricados pelo poder.

Agamben (2009) fala do conceito de dispositivo:

> [...] chamarei literalmente de dispositivo qualquer coisa que tenha de algum modo a capacidade de capturar, orientar, determinar, interceptar, modelar, controlar e assegurar os gestos, as condutas, as opiniões e os discursos dos seres viventes (AGAMBEN, 2009, p. 40).

O currículo escolar pode fazer isso: interceptar, moldar, orientar... Dessa maneira, se torna um dispositivo de poder, pois captura o desejo das professoras em romper com alguma prática pedagógica; orienta os funcionários novos sobre o funcionamento da escola; determina o momento da fala e do silêncio; intercepta ideias que estão na listagem de fora do comum; molda e controla os corpos indisciplinados. Corpos que aprendem desde os dois anos como se portar em uma fila e a levantar a mão, pedindo autorização para falar; mesmo que não se entenda o que tem a dizer a criança, o gesto que realiza fala por ela. Esses e inúmeros outros são acontecimentos capturados por redes de poder. Foucault (2011) conceitua o poder:

> Parece-me que se deve compreender o poder, primeiro, como a multiplicidade de correlações de força imanentes ao domínio onde se exercem e constitutivas de sua organização... enfim, as estratégias em que se originam e cujo esboço geral ou cristalização institucional toma corpo nos aparelhos estatais, na formulação da lei, nas hegemonias sociais (FOUCAULT, 2011, p. 102 – 103).

Dessa maneira, o currículo como dispositivo de poder é exercido na multiplicidade de suas próprias forças. Poderia existir um currículo fora dessa ideia de cristalização? Um

currículo fora das normas, fora da lei, continuaria sendo um currículo? Enfim, pensar o currículo como dispositivo de poder é perceber alguns subúrbios da contradição entre o saber e a falta dele e criar possibilidades de reinventar a escola.

Currículos outros também circulam pela escola e não se utilizam de certezas e controle milimétrico. Abrem espaço para dúvidas, erros e experimentações. Para as múltiplas linguagens que podem estar em uma cantiga de roda, nas páginas de um romance de Balzac, em um desenho animado de lenda africana, no grito, no choro, no sorriso...

E até mesmo no caminhar daquele que circula despreocupado pelo ambiente, que observa cada detalhe, sem a intenção de condenar ou elogiar, pode surgir refletido na imagem do *flâneur*[5] que pelas ruas de Paris caminha e conquista cada um dos passos dados, experimentando todos os momentos. Caminhante "vagabundo", que não corre atrás dos objetivos a serem atingidos, que vive o momento de acordo com as possibilidades que vão lhe surgindo durante o caminhar, como sugere Baudelaire (2006, p. 319-321):

A uma passante

A rua em torno era um frenético alarido.
Toda de luto, alta e sutil, dor majestosa,
Uma mulher passou, com sua mão suntuosa
Erguendo e sacudindo a barra do vestido.

Pernas de estátua, era a imagem nobre e fina.
Qual bizarro basbaque, afoito eu lhe bebia
No olhar, céu lívido onde aflora a ventania,
A doçura que envolve e o prazer que assassina.

Que luz... e a noite após! – Efêmera beldade
Cujos olhos me fazem nascer outra vez,
Não mais hei de te ver senão na eternidade?

Longe daqui! tarde demais! nunca talvez!
Pois de ti já me fui, de mim tu fugiste,
Tu que eu teria amado, ó tu que bem o viste!

Em qualquer lugar que ande, o caminhante "vagabundo" perambula sem que haja intenção de delimitar território ou período de aproximação. E assim como o currículo está onde cada um de nós consegue vê-lo e esgotá-lo em suas possibilidades de existência, tornando-o potente ao experienciá-lo. Não é um. Não são dois. São muitos.

Operar com essa multiplicidade não é operar com a diferença, no sentido de sermos todos diferentes e, logo, múltiplos, mas sim com o *devir*, com a composição do currículo acompanhada do "e", e não do "é" (PARAISO, 2010). A autora prossegue seu discurso: "o 'e' é o entre-espaço de um currículo, é o que está no meio, que cresce no meio dos currículos; aquelas hastes de rizomas que brotam, crescem e se bifurcam" (Idem, p. 595). A criança não é, a professora não é, o currículo não é. Apenas se tornam constantemente.

O currículo pode ser pensado também como um cabelo trançado de mulher negra, onde há possibilidade de ter várias tranças em um só espaço. São diversos elementos, constituídos em finos e múltiplos fios que, entrelaçados uns aos outros, produzem algo: a norma, a alegria, as crianças, a aprendizagem, o ensino, os professores, a disciplina, a sociedade escolar... Assim como as trancinhas, podem ser desfeitos e capturados em algo outro a qualquer instante. Cada um desses fios de cabelo é o todo em pequenas partes, estratificado e disciplinar.

[5] Aquele que passeia, perambula de maneira ociosa.

Há, portanto, dentre as diferentes teorias curriculares, uma multiplicidade de verdades e saberes produzidos sobre cada uma delas. Atravessadas por discursos que jogam os sujeitos para as extremidades, para os entremeios, que produzem suas representações e suas potencialidades.

REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio. O que é um dispositivo? In: **O que é o contemporâneo?** E outros ensaios. Tradução de Vinicius Nicastro Honesko, Chapecó, SC: Argos, 2009.

BAUDELAIRE, Charles. **As flores do mal**. Edição bilíngue. 1. ed. Tradução de Ivan Junqueira. especial. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.

BRASIL. Emenda Constitucional nº 59, de 11 de novembro de 2009.

CORAZZA, Sandra Mara. **O que quer um currículo?**: pesquisas pós-críticas em educação. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2004.

DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire; RIBEIRO, Eloisa Araújo. **Diálogos**. São Paulo: Escuta, 1998.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**: aula inaugural no College de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. 22. ed. São Paulo: Loyola, 2012.

_____. **História da sexualidade**: a vontade do saber. Rio de Janeiro: Graal, 2011.

_____. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão. 41. ed. Petrópolis: Vozes, 2013.

_____. **A arqueologia do saber**. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009.

MAROTE, D. T. João . **M**inidicionário: francês-português, português-francês. São Paulo: Editora Ática, 6 ed. 1999.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **Assim falou Zaratustra**: um livro para todos e para ninguém. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

Paraíso. Marlucy Alves. **Diferença no currículo**. Cadernos de Pesquisa, v. 40, n. 140, p. 587-604, mai/ago. 2010.

TODOS PELA EDUCAÇÃO. Disponível em: <http://www.todospelaeducacao.org.br>. Acesso em: 20 jan. 2015.